

MATÉRIA PUBLICADA NO SITE DO CONSELHO DE MEDICINA DE MG EM 2006

"Fui ironicamente encontrar o ídolo de adolescência naquela mesa de autópsia". Era 16 de agosto de 1977, quando o patologista mineiro, Dr. Raul Lamim, esteve pela primeira e última vez com **Elvis Presley** - o "Rei do Rock". E pode-se dizer que o destino quis assim. Na condição de residente sênior no Hospital Memorial Batista, em Tennessee, Estados Unidos, Dr. Raul Lamim tinha a liberdade de escolher quatro dias do ano para seu plantão e, sem saber o que o destino lhe reservara, marcou o início do plantão exatamente para o dia da morte de **Elvis Presley**.

Na hora em que o artista deu entrada no hospital, Raul conta que estava na Biblioteca da Universidade do Tennessee fazendo pesquisa para seu mestrado, quando viu alguns policiais federais na porta da sala de autópsia. "Perguntei a uma enfermeira o porquê da presença da Polícia e ela disse que Elvis tinha morrido e o corpo estava na local. Tentei um colega para me substituir, que não aceitou e tive que atuar na autópsia do corpo", diz.

A versão para o fim do "Rei do Rock"

Vinte e nove anos após a morte do mega astro, ainda pairam dúvidas sobre as causas. Na avaliação do patologista **Dr. Raul Lamim**, a autópsia no corpo não mostrou nenhuma anormalidade que justificasse a morte de **Elvis Presley**. "Na minha maneira de ver, ele morreu de asfixia porque tinha a fisionomia característica - boca entreaberta, língua semi-posta para fora e uma tonalidade azulada da cintura para cima. Deixo claro, entretanto, que não tomei conhecimento do documento oficial, atesto o que eu suponho ter acontecido." O médico acredita que, em função dos medicamentos que tomava em excesso, **Presley** entrou em estado de semi-anestesia, dormindo um sono profundo com a face virada para o chão, o que teria impedido a respiração e provocado a morte por asfixia. Ressalta que o corpo não apresentava nenhum sinal de agressão física, a não ser uma ou duas costelas quebradas, quando os médicos tentaram reanimá-lo, apesar de ter chegado morto no hospital.

Reencontro numa triste coincidência

Dr. Raul Lamim conta que fez o fellow em hemopatologia e o mestrado, passando pelas cidades de Saint Louis, Memphis, Houston e depois retornou à segunda, onde o destino o colocou diante do que prefere chamar de uma triste coincidência. "Guardo o fato de ter participado da autópsia do corpo de Elvis Presley como uma experiência filosófico-religioso de que todo mundo acaba igual, independente da importância. Fui ironicamente encontrar o ídolo de adolescência naquela mesa de autópsia", relembra.

ANN MARGRET



Essa linda sueca nasceu em 28 de abril de 1941, está prestes a completar 66 anos de idade. Começou sua carreira em 1961 no filme "**Pocketful of Miracles**" de **Frank Capra**. Está na ativa até hoje, faz praticamente tudo no mundo dos espetáculos: canta, dança, atua, etc... Ficou muito marcada entre os fãs de Elvis por contracenar com o Rei em "**Viva Las Vegas**" de 1964. Atualmente está na pré-produção de mais um longa chamado: "**The Loss of a Teardrop Diamond**" da diretora **Jodie Markell**. Ann Margret tinha apenas 23 anos quando filmou "**Viva Las Vegas**", mas teve um grande destaque no filme por dançar e cantar. Foi chamada na época de "**Elvis Presley de saias**"! O talento da menina chamou a atenção de Elvis que se apaixonou por ela durante as gravações. Os tablóides anunciaram um romance que chegou aos ouvidos de **Priscilla** que já morava com Elvis! A amizade de Elvis e Ann Margret foi muito forte, de um ir ao show do outro quando estavam em Las Vegas! Ann era uma dos presentes no velório de Elvis em 1977. Recentemente durante uma convenção de fãs nos Estados Unidos foi realizada uma pesquisa para saber qual a atriz mais querida entre os fãs de Elvis, Ann ganhou disparado. Mas essa admiração tem uma explicação lógica.